

ENCRUZILHADAS DA NEGRA PELOTAS

A interface da religião e política nas lutas negras pelotense

Carla Silva de Avila¹

Resumo

O presente artigo se propõe a problematizar a interface entre os campos da religião e da participação política das organizações negras na cidade de Pelotas/RS. Através do trabalho etnográfico em três casas tradicionais da religião de matriz africana indicados por militantes do movimento negro local busca-se compreender a filosofia política existente na prática ritual e da manutenção da tradição africana. Parte-se da noção de *encruzilhada*, um conceito mítico e estrutural da visão de mundo africano que nos permite problematizar encontros e desencontros das distintas formas de organização negra em território brasileiro, bem como os conflitos raciais e religiosos vivenciados na utilização dos espaços públicos da cidade.

Palavras-chave: Movimento Negro, pessoa de religião, prática ritual.

Abstract

This article proposes the analysis between of religion and the political fields participation of black organizations in the city of Pelotas, in Rio Grande do Sul. Through the ethnographic work in three traditional houses of the religion of African matrix indicated by militants of the local black movement one looks for understands the political philosophy existing in the ritual practice and the maintenance of the African tradition. It starts from the notion of crossroads, a mythical and structural concept of the African worldview that allows us to problematize encounters and disagreements of the different forms of black organization in Brazilian territory, as well as the racial and religious conflicts experienced in the public spaces of the city.

Keywords: Black Movement, religion person, ritual practice.

O cruzamento

*Exu mantinha-se sempre a postos
guardando a casa de Oxalá.
Armado de um ogó, poderoso porrete,
afastava os indesejáveis
e punha quem tentasse burlar sua vigilância.
Exu trabalhava demais e fez ali sua casa,
ali na encruzilhada.
Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.
Exu ficou rico e poderoso.
Ninguém pode mais passar pela encruzilhada
sem pagar alguma coisa a Exu. (PRANDI, 2001).*

Exu é o orixá² responsável pelo agenciamento entre mundos nos rituais das religiões de matriz africana, o dono das encruzilhadas, o responsável pela interlocução com a subjetividade da cosmologia de matriz africana. (ANJOS, 2006).

Através de *Exu* propõem-se pensar na organização negra em território brasileiro e nos seus diversos processos socioculturais e econômicos. Desde a inserção dos africanos, por intermédio do trabalho escravizado, até as consequências deixadas pelo colonialismo no que tange o lugar social dado ao negro na construção da sociedade brasileira. Para tanto, esse ensaio tem por objetivo problematizar pontos de intersecção entre os campos de organização política e afro-religiosa a partir da pesquisa etnográfica realizada junto as organizações negras da cidade de pelotas, desde o ano de 2004 em que objetivou-se perceber como um Grupo de dança afro Odara que problematiza as relações raciais por intermédio do corpo negro. Em seguida, nos anos 2006-2008 buscou-se pensar nas distintas formas de organizações negras da cidade, focando na categoria “negros em movimento” utilizada por ativistas para denominar a diversidade de organização política negra em Pelotas. Por fim mergulha-se no universo das tradições de matriz africana no intuito de perceber a relação entre religião e política nas organizações negras na cidade.

Mergulhar no campo de organização social e política negra necessita-se compreender a formação do Brasil em sua multiculturalidade, atendo-se as diferentes visões de mundo que constituem os diferentes olhares oriundos das diferentes matrizes étnico-raciais que formam a nacionalidade brasileira. Necessita-se ater as distintas formas de vivenciar e ocupar esses territórios. Inicialmente parte-se da imposição de uma única visão de mundo da formação da identidade nacional sob a luz da visão de mundo eurocêntrica, judaico cristã em conjunto as teorias raialistas do século XIX, responsáveis pela contrição do racismo biológico, que destina um lugar socialmente construído de inferioridade social e cultural aos descendentes de africanos. (ORTIZ, 2006; BASTIDE, 2001)

Em contraposição a esse olhar eurocêntrico o Movimento Social Negro constrói uma nova perspectiva de análise a partir da resistência cultural e simbólica através de diversas frentes de ação. Uma dessas resistências está na relação com o sagrado construindo uma outra visão de mundo, como nos coloca Roger Bastide (2001) em seu livro o “Candomblé da Bahia” que divide esse paradigma através do domínio de

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2006) e Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2011). Atualmente é Professora de Sociologia no Curso de Serviço Social na Universidade Católica de Pelotas e Professora na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita. Coordenadora do Projeto de Extensão Relações Étnico-Raciais da Universidade Católica de Pelotas.

² Orixá representa parte de uma natureza, sensata, disciplinada, fixa e controlável que forma uma cadeia de relações com os homens (VERGER, 2000:37). Por exemplo, Bará ou Exu, poder das encruzilhadas; Ogum, do Ferro; Iansã, dos ventos; Xangô, do fogo e da justiça; Odé e Otim, da caça; Ossanha, das ervas medicinais; Xapanã, da saúde; Oxum, fertilidade e águas doces; Iemanjá, das águas e cabeças; e Oxalá, pai de todos os orixás.

quarto mundos relacionando o cotidiano ao mundo dos orixás. Para Bastide (2001) o domínio dos mundos está relacionado à existência de quatro sacerdotes que possuem o controle de cada parte da natureza e da humanidade. Essa forma de perceber as relações sociais corresponde a uma estrutura quadrupla de mundo: os deuses, os homens, a natureza e os mortos. Quatro dimensões que vão além do bem e do mal, do corpo e da alma, do céu e do inferno. Já para José Carlos Gomes dos Anjos (2006) a prática da tradição de matriz africana corresponde a uma filosofia política a partir da prática ritual e da relação com os orixás.

Esses cruzamentos foram percebidos de forma sutil nas organizações negras da cidade de Pelotas³, desde o dia da semana para realizar determinada reunião, levando em consideração o dia da semana correspondente ao orixá, comparações entre a personalidade de militantes às características de determinado orixá, até o tipo de comida a ser preparado num grande evento político. Cruzamentos que demarcam uma territorialidade negra que vai além do espaço geográfico, permeando espaços políticos, simbólicos e corporais. Parte-se da noção de encruzilhada para compreender esses cruzamentos, assim como nos propõe o antropólogo José Carlos Gomes dos Anjos (2006) que coloca a encruzilhada como um não-lugar, onde fluí energias nômades não fixas, onde caminhos se cruzam numa pluralidade sem se fundirem. Constituem um processo de subjetivação em que as diferenças subsistem. Nesse sentido esse ensaio problematizará as noções de territorialidade negra em diferentes momentos vivenciados nas pesquisas etnográficas junto as organizações negras da cidade de pelotas. Três pontos de cruzamentos, o corpo, o mercado e a festa de lemanjá. Três dimensões essenciais para compreender as relações raciais e suas ramificações em território brasileiro.

O corpo, a dança, a entrega

*lansã foge ligeira e se transforma em vento
lansã tinha muitas joias, que usava com orgulho.
Uma ocasião resolveu sair de casa,
Mas foi interpelada por seus pais.
Disseram que era perigoso sair com tantas joias
e a impediam de satisfazer o seu desejo.
Oíá, furiosa entregou suas joias a Oxum
e fugiu voando, rápida, pelo teto da casa,
arrasando tudo o que atravessasse seu caminho.
Oíá tinha se transformado em vento.
(BASTIDE, 2001,301.)*

Oíá se transforma em vento, vento que caracteriza o movimento, o movimento que pode ser traduzido em dança, e foi pela dança que me aproximo do Movimento Negro da Pelotas, através da pesquisa junto à ONG Odara⁴, que visa tratar das questões raciais pelo movimentar do corpo. O entendimento do corpo como um território é essencial para compreensão da visão de mundo de matriz africana, pois é esse corpo que se insere no território brasileiro de forma coisificada, como um objeto de exploração de mão de obra escravizada. É no sentido de desconstruir estereótipos negativos sobre os corpos negros que o Odara se coloca como “mais que dança”, se propõe a positivar a imagem socialmente construída através de um belo trabalho coreográfico. O grupo

³ Minha inserção junto as organizações negras da cidade de Pelotas dá-se no ano de 2004-2005 na ONG Odara para realização de meu Trabalho de Conclusão de Curso, desde então faço parte de eventos coletivos e como pesquisadora-ativista.

⁴ O Grupo Odara teve sua origem no ano 2000 no Colégio Municipal Pelotense.

se utiliza do preparo do corpo resistente como um mecanismo de pensar na inserção, luta e resistência negra no território nacional. (AVILA, 2006)

Pierre Bourdieu (1983) ao trabalhar as relações entre a estrutura social e os indivíduos, parte da noção de *habitus*⁵ para designar o processo de incorporação das representações do mundo, sendo assim o corpo é um espaço de cultura em que se representa as estruturas e esquemas de representação de cada grupo, com isso o corpo pode ser entendido para além do biológico, constitui-se como um produto social e expressões do pensamento social vigente de cada sociedade. Outro fator observado nos ensaios e preparo do corpo na ONG Odara, fora a preocupação com a sensibilização referente à história e situação do negro, como nos coloca Júlio Teixeira sobre a linguagem corporal.

A linguagem corporal, ou melhor, o modo de atuar da conscientização do movimento de vê possibilitar ao corpo a capacidade de reflexão, para que possa refletir não as regras estipuladas para serem obedecidas, mas a compreensão de suas relações e de como elas se processam na dinâmica da vida. Só assim cada um poderá bastar-se a si mesmo e refletir as possibilidades da própria existência por meio da consciência e da percepção, dois focos essenciais para o entendimento dessa mobilidade corporal (Teixeira, 2003,71)

A noção de corpo social construído pelo Odara na analogia da dor sentida no preparo físico do corpo, ao resistir as atrocidades da escravidão, o corpo enquanto território de resistência, atitude que lansã teve ao sair com suas joias, firmando um ideal contrário à história social. Já a noção de beleza está expressa na perfeição do trabalho coreográfico, o palco se torna o espaço de desconstrução do imaginário socialmente construído de negatividade, o corpo passa a ser território de ação afirmativa, assim como o significado em yoruba da palavra Odara: Beleza e encantamento. (AVILA,2006).

O corpo como território também é percebido no processo de iniciação nas religiões de matriz africana, ou seja, na construção da pessoa de religião. Através da prática ritual o corpo se constrói como a morada do orixá⁶.

Pela visão de mundo da matriz africana a iniciação é conhecida como *ir ao chão*⁷, um processo de construção da pessoa com seu orixá. Roger Bastide (1973) coloca que é por meio da prática ritual que se permite compreender a noção dos africanos sobre a pessoa humana, isso por intermédio de uma ética atrelada a deveres e responsabilidades do iniciado junto às divindades. Marcio Goldmam (1987) comenta que a relação da prática ritual e com a visão de mundo africano está no processo de assentamento no orixá na cabeça do iniciado. O corpo se preparando, se consagrando como morada do orixá.

Por fim o corpo é essencial para se pensar as relações raciais na sociedade brasileira, pois esse mesmo corpo que fora coisificado pode ser ressignificado pelo viés de

⁵ Conceito de *habitus* para Bourdieu (1983) “ sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera a estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘ regulamentadas’ e ‘ reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência das regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade de proteção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto a ação organizadora e um maestro ” p.15.

⁶ Processo acompanhado em duas militantes do movimento negro, uma filha de lemanjá e outra de Otum (in memoriam).

⁷ Ir ao chão corresponde a uma séria de rituais de sangue, assim como coloca Marcel Mauss(2005) “aliança pelo sangue uma aliança direta entre a vida humana e divina”.

resistência, da beleza e do encantamento, como percebido no Odara⁸, que busca “ser mais que dança”, ou mesmo consagrado como ocorre na iniciação e na construção da pessoa de religião. O corpo como um território carregado de histórias, lutas e ligação com a visão de mundo da matriz africana em território brasileiro.

O mercado, a iniciação, o conflito

*Abionã vendia roupas no mercado.
Era uma mulher prospera e respeitada.
Todos cumprimentavam Abionã solenemente
quando ela ia ao mercado fazer seu comércio.
Mas havia muito Abionã se esquecera de Exu;
nada de ebós, de suas comidas prediletas,
nada de agua ardente, pimenta e dendê.
Ela não se lembrava que Exu lhe dá tudo.
Exu dera tudo o que tinha.*

*Um dia, estava no mercado vendendo
Quando avisaram que sua casa estava em chamas.
Ela abandonou sua banca no mercado
e correu em desespero para a casa.
Nada mais o que fazer. Era tudo cinzas.
Abionã, desconsolada, voltou à feira,
mas nada de seu lá encontrou.
Nada mais o que fazer. Tudo roubado.
Ela gritou e chorou
e todos riram de Abionã.
Abionã não era mais rica
nem era mulher respeitada do mercado.
Todos faziam pouco caso dela.
Exu estava vigiando. (BASTIDE, 2001,58)*

Na mitologia de matriz africana, além da encruzilhada, o mercado também está sobre o domínio do orixá Exu. O mercado um lugar de trocas comerciais também está no processo de iniciação às religiões de matriz africana. Assim como alerta o mito, o mercado é a morada de Exu, Exu que garante a prosperidade em troca de oferendas, a troca que simboliza a fluidez e o movimento. O mercado é um lugar central para compreensão da visão de mundo vivenciada na prática ritual das religiões de matriz africana no Brasil, como é importante lembrar que existem maneiras distintas nas diferentes regiões de cultuar aos orixás e divindades africanas. Tem-se o candomblé na Bahia, o Xangô de Recife, o Tambor de Mina em São Luís do Maranhão, a macumba no Rio de Janeiro e o batuque no Rio Grande do Sul. (BASTIDE, 2001). No Rio Grande do Sul depara-se com o batuque, a umbanda e a linha cruzada. Na umbanda cultua-se os caboclos e os pretos velhos, já na linha cruzada tem-se a relação com os exus e pomba-gira. No batuque cultua-se os orixás e os espíritos dos mortos através de cinco tradições que denominam os lados de parentesco de/do santo, quais sejam: *Oió, Ijexá, Jejê, Cambinda e Nagô*. Contudo existem templos que adotam dois lados, ou seja, *Jejê/Ijexá, Jeje/Oió*. (CORRÊA, 2009).

8 ONG Odara, foi o grupo de dança afro que acompanhei para realização da pesquisa para o trabalho de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais.

Os processos iniciáticos observados⁹ na pesquisa de campo faziam parte das nações cabinda e Jeje/Ijexá nos ambos a ida ao mercado fazia parte do processo ritual. Uma semana após ir chão o iniciado é apresentado ao mercado, a igreja e à praia. O mercado se constitui como parte da finalização dos ritos iniciais, uma parte da cidade que constitui como um ponto de intersecção entre diferentes visões de mundo. O mercado das transações comerciais de um mundo profano, se cruza com o mercado de um mundo sagrado, sob o domínio do orixá Exu¹⁰ que também denominado de Bará, ou seja, o Bará do Mercado.

Na cidade de Pelotas umas das casas tradicionais que acompanhei vivenciei judicialmente repressão por realizar o assentamento do Bará do Mercado, mesmo com o consentimento do poder público. Isso ocorreu com a Comunidade Beneficente de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, liderada pela Mãe Gisa de Oxalá e Pai Paulo de Xangô. O caso foi considerado como intolerância religiosa por intermédio de ONGs protetoras de animais que levaram o caso ao ministério público¹¹. O caso foi problematizado nos trabalhos acadêmicos de Campus; Rubert (2014) discutindo mosaicos de intolerância religiosa em Pelotas e MOREIRA (2017) que disserta sobre a relação do orixá Bará com o Mercado Público de Pelotas.

O assentamento do Bará no mercado foi noticiado na imprensa local com um teor pejorativo, demonstrando total desconhecimento sobre o universo das tradições afro-brasileiras, sendo denominado como um “ritual de batismo, expondo os nomes das lideranças religiosas, fotos somente dos participantes da Mãe Gisa e os animais a serem utilizados no assentamento. (MOREIRA, 2017). Lembro-me que fui acionada por Mãe Gisa e ao chegar no Ilê muitos estavam irritados com a forma de como a imprensa local os expuseram. Contudo o descontentamento ia além da exposição da imagem, estava mais pelo fato de constar que o assentamento havia sido feito por outra mãe -de- santo, a Mãe Joice, e não pela casa da Mãe Gisa. Aqui percebe-se para além dos conflitos de intolerância religiosa, os conflitos raciais presente no universo das organizações negras no Brasil. Pois o fator de prestígio da ação de assentamento estava com uma lalorixá branca, sem sua exposição no jornal. Já os integrantes da casa da Mãe Gisa foram expostos de forma pejorativa. Corpos brancos com o prestígio dentro do campo das práticas rituais afro-brasileiras e corpos negros inferiorizados no mundo profano, no dia a dia através da matéria vinculada à mídia local. Interessante pensar nas encruzilhadas existentes no campo das relações raciais no Brasil, pois aqui o racismo não se dá pela ascendência, ou ancestralidade, se dá manifesta pela cor dos corpos, pelas características fenotípicas, constituindo o que alguns autores denominam como o conceito de raça sociológico, em que a discriminação é marcada pelas características raciais. (GUIMARÃES, 2005). O mercado configura-se como um espaço de conflitos seja por parte da intolerância religiosa, seja por parte dos conflitos raciais ainda existentes na sociedade brasileira.

Iemanjá e o Poder Político

*Iemanjá não se conformou.
Ela falou, falou e falou nos ouvidos de Oxalá.
Falou tanto que Oxalá enlouqueceu.
Seu ori, sua cabeça, não aguentou o falatório de Iemanjá.*

9 Para análise do corpo como território do sagado, foi utilizado a pesquisa de campo realizado no mestrado em Ciências Sociais UFPel, entre os anos de 2009 a 2011.

10 O orixá Exu tem várias denominações como Bará, Legba e Eleguá.

11 Participei do processo através da escrita de um documento para o processo judicial com elementos por mim observados em minha dissertação de mestrado.

*lemanjá deu-se então conta do mal que provocava
e tratou de Oxalá até restabelecê-lo.
Cuidou de seu ori enlouquecido,
oferecendo-lhe água fresca,
obis deliciosos, apetitosos pombos brancos, frutas dulcíssimas.
E Oxalá ficou curado.
Então, com o consentimento de Odumaré
Oxalá encarregou a lemanjá de cuidar do ori de todos os mortais.
lemanjá ganhara enfim a missão tão desejada.
Agora ela era a senhora das cabeças (PRANDI, 2001, p. 96-9).*

lemanjá na visão de mundo de matriz africana é considerada a mãe de todos os orixás, aquela que conquista o poder. E é na festa de lemanjá que percebe nitidamente os cruzamentos dos campos da religião e da política. A festa de lemanjá na cidade de Pelotas é organizada pela Federação Sul-Riograndense de Umbanda e Cultos afro-brasileiros. É importante salientar que essa divisão ente a umbanda e o batuque, ou os “africanistas” como são denominados. Antônio Carlos Gomes dos Anjos (2006) traz a noção de encruzilhada para compreender essas diferentes faces das práticas afro-religiosas. Pois a umbanda é o cruzamento das diferentes matrizes com as divindades católicas, dos orixás, bases do espiritismo e indígenas, mas não como uma mistura que constituindo uma outra coisa, mas sim linhas cruzadas, com pontos de interseção, pois a lemanjá da Umbanda e a lemanjá da nação. Esses cruzamentos pude perceber em conversa com algumas lideranças que manifestaram seu descontentamento com uma imagem de lemanjá de pele branca, como a representada pela umbanda. Esses conflitos e cruzamentos fazem parte do universo afro-brasileiro, seja no interior da prática religiosa, seja nos confrontos com outras instancias da sociedade.

Nessa última sessão do artigo será problematizado alguns cruzamentos ocorridos no Bairro Balneário dos Prazeres, em especial no dia dois de fevereiro, que nitidamente intersecciona os poderes executivo e legislativo com o poder afro-religioso. Segue um trecho do diário de campo que expressas esses cruzamentos:

Multidão. A imagem de muitas pessoas foi a primeira cena registrada na minha câmera digital naquela noite escura de segunda-feira, dia 02 de fevereiro de 2010, afinal era a 22ª Festa de lemanjá. A festa ocorreu no Bairro Balneário dos Prazeres, conhecido com Barro Duro. A concentração se deu na parte baixa do bairro, em frente à gruta de lemanjá, que fica na beira da Lagoa. Em frente à Laguna dos Patos, uma grande estrutura foi organizada pela Prefeitura Municipal: cordão de isolamento, Brigada Municipal, estrutura de palco para os tamboreiros, lotes para acomodação dos acampamentos das casas de religião de diferentes localidades, tudo estava muito organizado, tudo estava no seu devido lugar. Vestígios de uma grande festa popular: bares com pagode, carrocinhas de churrasquinho, pipoca, lanches diversos, bebidas e um grande número de pessoas circulando. Uma mistura de festas, para dizer a verdade, a noite parecia uma festa de carnaval. De dia parecia a romaria de Nossa Senhora de Guadalupe, que corre na Cascata, no interior de Pelotas. Já de noite, em alguns momentos nos bares, parecia uma festa de pagode. No centro da festa, em frente à gruta, assemelhava-se a uma atividade política, pois estavam presentes o Prefeito, vereadores, seus assessores, militantes de diferentes partidos políticos para saudar a Rainha do mar. O sagrado constantemente se cruzando com o profano, o profano conectando-se ao sagrado, o político no religioso. (...)

Na frente da gruta de lemanjá, como se fosse o centro de um grande palco, estavam o Prefeito da cidade Adolfo Fetter Jr. (PP), o vereador Ademar Ornel (DEM), os vereadores Milton Martins e Marcola (PT) e Joab presidente da Federação de Umbanda. Sorrisos, fotos, abraços, cumprimentos, momentos que se assemelhavam às campanhas político partidárias, como se todos estivessem unidos ao redor de um único objetivo. Algumas pessoas diziam —*olha lá aquele sem vergonha, quem olha diz que é boa gentell*; ou —*deve está pagando promessa, ganhou mesmo não sabendo governar, por isso essa organização todall*, frases pronunciadas aleatoriamente por pessoas que estavam na multidão à espera de lemanjá. (...).

Passada a meia noite, era dia 02 de fevereiro, os fogos incessantes anunciavam a chegada da imagem. Todos queriam ver, todos queriam tocar, mesmo a imagem ficando em frente à gruta toda a noite, a vontade de todos era saudar lemanjá no momento de sua chegada. A imagem era uma estátua grande, com cabelos pretos compridos, os cabelos não faziam parte da pintura, era como se fosse uma instalação na estátua, podendo essa ao longe ser confundida com uma pessoa. Passando o empurra, empurra, os flashes das fotos, o cessar dos fogos, a imagem de lemanjá foi colocada no centro e em frente à gruta. Em seguida, foi cantado o hino do Brasil e, em seguida, o hino da umbanda. (Diário de Campo, 1 e 2 /02/2010)

Mistura, cruzamentos e diversidade marcam essa festa popular da cidade de Pelotas, o encontro do sagrado com o profano, do poder político local com o orixá responsável pelo poder das cabeças. A saudação é feita as distintas autoridades, tanto os políticos, como aos líderes religiosos. Todos alinhados ao lado da imagem de lemanjá, esperando a saudação da multidão.

O Balneário dos Prazeres durante muito tempo foi considerado um território negro, chamado de forma pejorativa como “Barro Duro” ou “Planeta dos Macacos” pois era considerada a praia para os pobres e negros desfrutarem da lagoa¹². Além dos conflitos de classe e raça, percebe-se os conflitos ambientais, em que no ano de 2014, restringe-se o acesso às casas de religião para o acampamento realizando no entorno da orla do balneário e por fim, no ano de 2015 a imagem de lemanjá é queimada no mesmo período em que os rituais afro-brasileiros estavam sendo ameaçados pelo Projeto de Lei 21/2015, que objetivava alterar o Estatuto de defesa dos Animais (CAMPOS, 20015). Percebe-se que esse espaço para além do cruzamento é um espaço de conflito, de disputa de poder e de visões de mundo. Conflitos existentes na sociedade, expressos nas agressões ao sagrado, seja na forma jurídica, como o caso do projeto Lei, seja na forma de intolerância religiosa, no caso do incêndio à Gruta de lemanjá.

Das três casas tradicionais de matriz africana que frequentei para a pesquisa de mestrado, apenas a casa do Pai Baiano de Oxalá, participa fielmente das atividades comemorativas por intermédio de seu grupo de dança AfroPel, que organiza uma apresentação coreográfica, tanto nas festas de lemanjá, como nas de Ogum.

¹² Algumas dessas narrativas estão contidas no documentário Barro Duro, disponível em: <<https://vimeo.com/69910373>>.

Cruzamentos em territórios negros, algumas considerações

Os territórios negros aqui brevemente apresentados demonstram parte da complexidade dos distintos processos de organização negra em várias frentes de coletividade, frentes que se cruzam tanto nas práticas tradicionais, bem como nas organizações sociais e políticas. Parte-se do orixá Exu, que nos permite pensar a noção de encruzilhada como linhas fluidas.

A primeira parte dessa fluidez é percebida no corpo, que também é considerado um território representativo. Este corpo que foi coisificado e escravizado e ainda hoje estigmatizado pelo tipo de racismo existente na sociedade brasileira, que leva em consideração as características fenotípicas, é o mesmo corpo que representa elementos de posituação do negro, como faz a ONG Odara que através da noção de corpo resistente, beleza e encantamento desconstrói a noção de inferioridade. Por fim esse corpo também se configura como território do sagrado, através do processo ritual na construção da pessoa de religião.

O mercado como um espaço físico que carrega a dimensão da sagrada da visão de mundo da matriz africana através da finalização do processo iniciático. O mercado como um espaço de conflito com o imaginário social que desconhece e ainda estigmatiza as tradições de matriz africana.

No Balneário dos Prazeres pode-se perceber os cruzamentos entre os poderes políticos e afro-religioso, o cruzamento entre festa sagradas e profanas, bem como conflitos socioambientais e práticas de intolerância religiosas.

A lógica da guerra também é percebida pelas distintas frentes de batalha das lutas negras havendo a necessidade de pensar na interseccionalidade debatida por Patrícia Collins (1990) e Lélia Gonzales (1984). Lutas permeadas por fatores que vão além do debate racial. Na sociedade brasileira grande parte da população negra encontra-se na periferia da cidade, sendo sistematicamente excluída dos processos de inserção na sociedade de classe, sendo assim necessário articular das dimensões de classe e raça para compreender as formas de operacionalidade do racismo e suas raízes coloniais, pois nos processos de descolonização o negro fica de fora na construção das novas identidades nacionais. Outro fator a ser observado está nas dimensões de gênero, sendo as mulheres negras as mais vulneráveis nessa equação em que também se estruturam na sociedade resquícios de uma sociedade patriarcal, sendo necessário articular as noções de classe e gênero. Assim os cruzamentos, as encruzilhadas fazem parte da heterogeneidade das organizações negras, sejam no corpo, nos espaços público, no campo político, ou no espaço social simbólico de construção, desconstrução do negro no território brasileiro.

Referências bibliográficas

ANJOS, José Carlos Gomes. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre. Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

AVILA, Carla Silva de. *Beleza e Encantamento Negro*. Estudo sobre afirmação étnica por intermédio do corpo na ONG Odara Pelotas/ RS. 2006. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.

AVILA, Carla Silva de. *A princesa batuqueira: etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana em Pelotas/RS*. 2011. 190f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

BASTIDE, Roger. *A construção africana da pessoa*. IN Estudos afro-brasileiros. São Paulo. Ed. Perspectivas: 1973.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1983.

COLLINS, P. H. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. New York; London: Routledge, 1990.

CAMPOS, Isabel Soares. *Os Prazeres do Balneário, sob as bênçãos de Yemanjá: Religiões Afro-brasileiras e Espaço Público em Pelotas (RS)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

CORRÊA, N. *O Batuque do Rio Grande do Sul - Antropologia de uma religião afro-riograndense*. São Luis: Editora Cultura e Arte, 2006. GOLDMAN, Márcio

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo; Editora 34 Ltda, 2002. 231 p.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Cor classe e status no estudo de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960*. In: MAIO, Marcos (org). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: ed. Fiocruz, 1995. p. 143-157.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. Editora Brasiliense 2004.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos Orixás e voduns na Bahia e na antiga costa dos escravos na África*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

TAVARES, Júlio. *Educação Através do corpo: A representação Do Corpo Nas Populações Afro-Americanas*. In. Santos, Joel Rufino dos. *Negro Brasileiro Negro*. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Cultural. N° 25. p. 216..221. 1997.